



RESENHA

## BRUTALISMO: TECNOLOGIAS DA VIOLÊNCIA DO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO

Contato  
Rua da Prainha, nº 1326  
Gabinete PU39 - Campus UFOB  
47810-047 - Barreiras - Bahia  
[flavio.dantas@ufob.edu.br](mailto:flavio.dantas@ufob.edu.br)

 Flavio Dantas Martins<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Oeste da Bahia  
Barreiras – Bahia – Brasil

Resenha do Livro: MBEMBE, Achille. *Brutalisme*. Paris: La Découverte, 2020.

O livro *Brutalisme*, de Achille Mbembe, é um coerente passo na trajetória intelectual do historiador camaronês que refina debates de outras obras e inova, em seu esforço de produção de ferramentas conceituais capazes de sintetizar quadros políticos complexos do capitalismo neoliberal contemporâneo. Se algumas discussões, como a do devir negro do mundo de *Critique de la raison nègre* e da democracia dos semelhantes de *Politiques de l'inimitié* foram retomadas, a novidade consiste em articulá-las dentro do conceito de brutalismo. O termo foi criado na arquitetura dos anos 1950 e foi devidamente adaptado por Mbembe para descrever uma complexa relação entre nacionalismos, migração, refugiados, racismo, administração de populações e tecnologias na política atual, ao mesmo tempo em que, como conceito histórico, busca sintetizar diferentes regimes precedentes, como o das *plantations* coloniais. O livro faz parte, com o anterior *Politiques de l'inimitié* e com o posterior *La communauté terrestre*, de uma trilogia que, segundo o próprio autor, propõe uma

---

<sup>1</sup> Doutor em História, professor do Centro das Humanidades e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade Federal do Oeste da Bahia, Barreiras, Bahia, Brasil.

análise das principais forças de transformação dos vivos na era da planetarização (MBEMBE, 2023).

O objetivo deste texto é resenhar o livro *Brutalisme*, especialmente a discussão sobre tecnologia e fronteira. Sugere-se que a discussão sobre desumanização por meio do brutalismo se deslocou das discussões sobre poder e opressão que marcaram a perspectiva de análise do “devir negro do mundo” ou “africanização do mundo” de escritos anteriores do historiador para focar na economia política desse mundo africanizado que banaliza a superexploração e descarte de seres humanos.

A adaptação que Mbembe faz do conceito de brutalismo é ampla. Ele define inicialmente o brutalismo como uma maneira de administrar a violência que se espalha numa naturalização da guerra social (MBEMBE, 2020, p. 40-43). Uma forma de poder sem limites exteriores que promove a carbonização do mundo. Não há contrapeso ou negociação. O autor leva em conta o papel das *Big techs*, das corporações globais e das máquinas de guerra, além do sistema internacional de estados, nessa violência. Em outro momento o autor destaca que o brutalismo não ameaça a democracia, mas pretende abolir a política (MBEMBE, 2020, p. 131), através da manipulação das pessoas e da governança que inclui a indução da radicalização extremista, a concentração em campos, a violência cotidiana, o apartheid e o extermínio puro e simples. O brutalismo não permitiria o diálogo, o dissenso, a disputa democrática equilibrada para a produção do consenso na república. Em outra passagem muito esclarecedora, Mbembe (2020, p. 150) define o brutalismo como uma guerra social em escala planetária de modo molecular, dirigida contra trabalhadores, transformados em corpos-fronteiras a serem pilhados, consumidos, incinerados e descartados. Caracteriza-se como um regime que externaliza, militariza, digitaliza e miniaturiza as fronteiras. É a naturalização do estado de exceção, a transferência de tecnologias do campo de batalha para a vida civil, o culto do homem viril e violento como imagem da sociedade. Como exemplo de regime de brutalismo que tende a se planetarizar, Mbembe cita a ocupação israelense dos territórios palestinos.

O leitor de Mbembe percebe que houve algum deslocamento da análise da contemporaneidade do campo da opressão para o campo da exploração. A combinação de técnicas medievais e pós-modernas de dominação através da violência levanta o problema do uso e descarte desses corpos-fronteiriços que são, paradoxalmente, necessários e supérfluos. A referência à incineração desses corpos, através do recurso da metáfora do carvão sintetiza bem essa nova camada de análise: a destruição pelo fogo, mas também a liberação de energia no consumo deles. É como se Mbembe se aproximasse de Marx e de sua ideia de exército industrial de reserva, mas revisando a ideia do escritor alemão. Em *O Capital*, o exército industrial de reserva é um contingente de trabalhadores que não são empregados, isto é, aproveitados na produção, mas úteis para a divisão e enfraquecimento do conjunto dos trabalhadores em

geral, o que facilita sua exploração. Mbembe, por sua vez, ultrapassa essa imagem do exército e nota que essa força de trabalho não é apenas consumida em contextos específicos, mas descartada, como bucha de canhão. As afinidades entre o pensamento de Mbembe sobre o brutalismo e os de Marx sobre acumulação primitiva são um veio bastante rico para ser explorado na perspectiva da atualidade de tecnologias de poder de exploração contemporânea do trabalho humano e da natureza. Trata-se de uma economia política dos corpos racializados e estigmatizados como violentos, virulentos e que passam a ser contabilizados, vigiados, convertidos em matéria-prima disponíveis e acessíveis instalados em guetos e usados como energia na forma de trabalho ou carbonizados. O brutalismo é uma “*thermopolitique*” (MBEMBE, 2020, p. 46-47). Em suas palavras:

Acima de tudo, uma das principais transformações antropológicas do nosso tempo é a divisão da humanidade em múltiplas frações de classes racialmente tipificadas. Isto diz respeito, por um lado, à distinção entre pessoas humanas solventes e insolventes. Por outro lado, trata-se, à escala planetária, da divisão entre o que Étienne Balibar chama a “parte móvel da humanidade” e a “humanidade errante” (MBEMBE, 2020, p. 131)<sup>2</sup>.

Aqui há uma dificuldade que é a associação entre a matéria-bruta e força de trabalho. Em certo sentido, a naturalização do humano obscurece que além da dimensão da opressão, há a dimensão da exploração. Na leitura de Mbembe se compreende que se o trabalho possuía centralidade para a luta política no século XX, no século XXI a política lida em torno do controle territorial dos guetos racializados e a prisão, como instituição de gestão dos corpos que centraliza outras como as fábricas, a polícia, as escolas e os tribunais (MBEMBE, 2020, p. 45-47). Nesse ponto, Mbembe se afasta do marxismo na sua economia política dos corpos racializados. O afastamento da ideia de centralidade do trabalho fragiliza a própria metáfora que a transformação do humano em matéria bruta sugere, pois a vigilância e a criação de corpos submissos não visam apenas a prevenção das revoltas, mas também a exploração da energia desta matéria, na forma de força de trabalho.

A questão da fronteira é central no livro. Destacando que o clima e a migração serão os maiores problemas do século XXI, a reflexão do autor retoma sempre o tema da fronteira que por vezes é territorial, física, mas geralmente é móvel, in-

---

<sup>2</sup> Livre tradução de “Par-dessus tout, l'une des transformations anthropologiques majeures de notre époque est le partage de l'humanité en de multiples fractions de classes racialement typées. Il s'agit, d'une part, de la distinction entre personnes humaines solvables et personnes insolvables. Il s'agit d'autre part, à l'échelle planétaire, de la division entre ce qu'Étienne Balibar appelle la ‘partie mobile de l'humanité’ et l’‘humanité errante’” (MBEMBE, 2020, p. 131).

visível, racial, tecnológica, digital e violenta. A fronteira se refere especialmente a populações marcadas: negros, árabes, judeus, migrantes, refugiados, os diferentes e dessemelhantes de *Politiques de l'inimitié*. As tecnologias fazem o controle de fronteiras avançarem com o desenvolvimento de novos dispositivos como sensores, drones, robôs-sentinela, a vigilância por meio dos smartphones, câmeras de diversos tipos, captadores infravermelhos, controle biométrico, entre outros, tudo pronto para naturalizar uma fronteira móvel, portátil e onipresente (MBEMBE, 2020, p. 71).

Para Mbembe a fronteirização (*frontiérisation*) é diferente da fronteira. Fronteirizar é transformar o espaço em um local de circulação de bens e capitais e limitar o trânsito de certos tipos de população marcada. Com a tecnologização da fronteira ele se torna móvel e onipresente. Em suas palavras:

A tecnologização das fronteiras atinge sua plenitude. Barreiras de separação físicas e virtuais, digitalização de bases de dados, sistemas de arquivamento, desenvolvimento de novos dispositivos de rastreamento como sensores, drones, satélites e robôs sentinelas, sensores infravermelhos e câmeras de vários tipos, controle biométrico e uso de cartões inteligentes contendo dados pessoais, tudo feito para transformar a própria natureza do fenômeno fronteiriço e precipitar o advento de uma fronteira móvel, portátil e onipresente (MBEMBE, 2020, p. 71)<sup>3</sup>.

O símbolo deste processo é o apátrida, o sem-papel. Para eles foram criados campos de imigrantes na Europa, um símbolo do tempo. As referências ao extermínio de populações marcadas como judeus, poloneses, romani e sinti e pessoas com deficiência na Segunda Guerra Mundial são evidentes. Enquanto isso a exploração de recursos não reconhece fronteiras ou limites. Em contrapartida, Mbembe destaca e defende um mundo onde todo ser humano tenha o direito de circular pelo planeta, o que atualmente é um privilégio para alguns grupos que detém o mundo para destruí-lo, enquanto a maioria vive limitada, cerceada, expulsa, proibida de ir em determinadas terras.

Em outra passagem da obra, Mbembe (2020, p.150) destaca que o controle de imigrantes e de fronteiras está associado ao retorno do pensamento fascista sobre esterilização e genocídio. O capítulo 5 “Corps-frontières” é dedicado ao assunto. Segundo ele, as populações errantes se tornaram um tema central em um mundo onde é cada dia mais consolidado um nacionalismo xenofóbico étnico que exalta o

---

<sup>3</sup> Livre tradução de “La technologisation des frontières bat son plein. Barrières de séparation physiques et virtuelles, numérisation des bases de données, des systèmes de fichage, développement de nouveaux dispositifs de repérage à l'exemple des senseurs, drones, satellites et robots-sentinelles, capteurs infrarouges et caméras de divers ordres, contrôle biométrique et usage de cartes à puce contenant des données personnelles, tout est mis en oeuvre pour transformer la nature même du phénomène frontalier et précipiter l'avènement d'une frontière mobile, portable et omniprésente (MBEMBE, 2020, p. 71)”.

sedentarismo, atualizando o lema sangue e solo. Em um planeta onde há muitas pessoas móveis, o problema do controle das populações ganha muita força. A humanidade excedente que durante muito tempo funcionou como exército industrial de reserva em períodos de expansão do capitalismo, hoje em dia, em um contexto de crise, possui menos valor que escravizados. Essas pessoas se tornam corpos-fronteiriços, alvos de um racismo que se atualiza e abandona o tema do fenótipo e da cor da pele e se concentra na diferença religiosa e cultural. O racismo anti-imigração e anti-não-brancos/não-europeus mudou de forma e passou a se concentrar na estranheza, na dessemelhança (MBEMBE, 2020, p. 155). Daí uma diferença em relação ao fascismo: a democracia não sai da retórica, mas deve se limitar aos semelhantes, aos iguais, sendo os diferentes excluídos.

A ideia de corpos-fronteiriços que busca designar as populações marcadas destaca que o lugar da fronteira se modifica. Aqui cabe um parêntese para o leitor brasileiro. No Brasil, a ideia de fronteira está associada ao avanço da agricultura, da civilização sobre a floresta. É um dos temas da mitologia nacional. José de Souza Martins (1997) definiu a fronteira como o lugar do conflito, do encontro, da violência, numa abordagem que pensa como as relações sociais capitalistas avançam, destruindo e recriando outras relações entre pessoas e entre estas e a terra. Mbembe trata de uma fronteira que se transforma em metáfora a partir da materialidade do controle de guetos, seja os da Palestina ou os da África do Sul no período do apartheid. Ambos exemplos de fronteira como lugar de violência, a ideia de corpo-fronteiriço torna a fronteira ambulante, de modo a controlar e cercar a circulação das populações (MBEMBE, 2002, p. 159). O corpo-fronteiriço substitui o corpo racializado. O racismo magicamente desaparece: agora o outro é aquele que não é daqui. A mudança da fronteira do solo para o corpo generaliza o conflito e instaura na diferença tanto o elemento de coesão ideológica através da instauração da alteridade e critério de exploração e dominação sobre esse outro, quanto naturaliza a violência necessária para tal.

Um dos sentidos que brutalismo possui na obra é a banalização da morte das pessoas consideradas excedentes e descartáveis, pois trabalhadoras, pobres, racializadas, tratadas como matéria bruta, combustível ou dejetos a ser incinerado para aproveitamento de sua energia na forma de força de trabalho ou para descarte. A associação do brutalismo com o fogo remete aos fornos de incineração existentes nos campos de trabalhos forçados e de extermínio nazistas, já que um dos elementos do texto é a análise dos campos de estrangeiros atualmente existentes no Norte global. A brutalização seria a desumanização das pessoas estranhas, diferentes, negras ou vítimas do devir negro do mundo. Ela é tanto uma razão econômica, pois possibilita a exploração intensiva de seres humanos que foram animalizados e naturalizados através de estereótipos racistas, quanto funciona mobilizando pulsões e desejos de poder na medida em que permitem a opressão impune de populações

tornadas indefesas. Essa brutalização se assemelha à ideia de banalização do mal desenvolvida pela filósofa judia-alemã Hannah Arendt (1999 [1963]). Enquanto em outros trabalhos como *Politiques de l'inimitié* Mbembe discute a liberação do sadismo e da perversão como fundamento de novas tecnologias de nanorracismo, em *Brutalisme* o poder se aproxima da descrição de Arendt de uma estrutura burocrática e impessoal que produz injustiça na forma de escravização e assassinato, bem como de Foucault (1987 [1975]) em *Vigiar e punir*, onde a pena se torna cada vez mais administrável e se orienta por critérios como eficácia e utilidade.

Não é estranha também a aproximação possível com a história ambiental e a perspectiva analítica de pensar o ser humano e o meio que o envolve a partir de complexos energéticos. O tema da crise climática ganha centralidade em *La communauté terrestre* (MBEMBE, 2023). A vantagem competitiva da produção de mercadorias que usava máquinas movidas a combustíveis fósseis e trabalhadores e trabalhadoras com pouca qualificação em relação ao artesanato está profundamente “ligado” à ideia malthusiana de governo de populações excedentes. Os artesãos têxteis costumavam ser as primeiras vítimas do avanço da industrialização, visto que os teares mecânicos substituíam os humanos em suas habilidades manuais, mais do que em suas forças motoras. Poderiam ser proletarizados e tornar-se parte de um sistema fabril, como o carvão, às vezes funcionando como fonte de energia motriz baratas, ou se tornavam descartáveis, vítimas de políticas liberais de fome, a exemplo das que mataram milhões de pessoas na Índia sob colonialismo britânico (DAVIS, 2002 [2001]). Destacar que o ser humano é uma fonte de energia no processo produtivo, nesse contexto discursivo, é chamar atenção para como a maioria das pessoas marcadas no mundo são um meio produtivo e não a finalidade da produção. Parte da humanidade é consumidora e a outra é literalmente consumida nos processos de produção, várias delas tornando-se descartáveis na medida em que mudanças tecnológicas otimizam energia, substituem habilidades humanas por ferramentas, computação ou inteligência artificial.

O tema do governo das populações, debatido mesmo antes do malthusianismo, chamado de biopolítica e reformulado por Mbembe (2018) como necropolítica é uma reflexão sobre o uso de humanos pensados como recursos, para aproveitamento e descarte dos excedentes. Com o aquecimento global devido à emissão de combustíveis fósseis, as constantes reflexões sobre refugiados do clima, impactados pelas mudanças, entre outros, os temas mais importantes do livro se entrelaçam: governo das populações através de campos, fronteiras e violência, controle, descarte de pessoas supérfluas e técnicas que permitem consumir, destruir e evitar acidentes inflamáveis dessa matéria-bruta que é o ser humano. Tal qual o fascismo foi o colonialismo aplicado à Europa, seguindo Aimée Césaire (2020 [1950]), o brutalismo é a aplicação do fascismo ao globo. Trata-se de um livro escrito sob a égide do fogo.

A novidade em relação à discussão clássica do exército industrial de reserva e mesmo em relação a historiadores como o indiano Ranajit Guha (2019 [1987]) que pensa a dominação sem consenso baseada na violência em contextos colonialistas é que a discussão sobre a humanidade excedente é pensada numa teoria política das democracias, ou como tem sido o tópico atual, da crise das mesmas. Hobsbawm em seu livro *Era dos extremos*, publicado em 1994, já apontava para esse paradoxo político dos países desenvolvidos nos anos 1990 onde uma sociedade urbana e industrial anômica não mantinha taxas de natalidade altas, por isso se tornou dependente da importação de mão-de-obra de outros países, qualificada ou não, ao tempo em que não desejava que estes trabalhadores volantes participassem da comunidade política. Isso criava, segundo Hobsbawm, na prática, uma segregação, na qual os trabalhadores necessários eram admitidos no mercado de trabalho ao mesmo tempo em que se negava a eles cidadania plena, pois eram, permanentemente, estrangeiros. A discussão sobre a situação dos trabalhadores imigrantes na Europa no início da década de 1990 feita por Hobsbawm é uma descrição modelar do que Mbembe chamou, em *Politiques de l'inimitié*, de democracia dos semelhantes. Para os diferentes, há o brutalismo.

Um ponto interessante do livro é a retomada do pensamento do antropólogo francês Leroi-Gourhan para discutir a hibridização entre humano e, na obra de Mbembe, a máquina algorítmica. Na leitura de Mbembe a tecnologia não é uma obra exterior ao humano, mas uma extensão dele que, ao modificar o mundo, ao mesmo tempo transforma o humano. Ao reinventar a tecnologia, o ser humano se reinventa pois modifica suas extensões, sua forma de lidar com o mundo. Todavia, na lógica do poder, a possibilidade de uma internet das coisas onde esses órgãos sintéticos humanos podem ser monitorados e seu funcionamento induzido através de algoritmos desenhados para servirem ao interesse das grandes corporações. Pensar e debater a regulação dos meios digitais é pensar o controle do próprio corpo, das emoções, das opiniões, do inconsciente, dos desejos, do cotidiano. A mudança técnica, percebida como mudança ontológica, da própria essência, é sobretudo, hoje, uma mudança política.

Mbembe dá o exemplo dos telefones portáteis que não são objetos usuais, mas reservatórios de conhecimento e mecanismos que foram capazes de mudar, em pouco tempo, a forma das pessoas falarem, sentirem, agirem, escreverem, comunicarem, imaginarem e estabelecerem suas relações com o outro, com o mundo e consigo mesmo. Mbembe pensa o *smartphone* como um evento estético maior, pois o aparelho permite forjar um estilo próprio, uma assinatura própria. Mais que um amigo, o telefone portátil é uma extensão do ser. O historiador camaronês se aproxima da perspectiva do filósofo judeu-alemão Walter Benjamin (2017 [1936]), segundo o qual os novos meios técnicos de reprodução da arte mudaram a percepção de

tempo, imagem e espaço e os sentidos. Para Mbembe a força da tecnologia algorítmica está na sua plasticidade e na sua capacidade de moldar-se a novas culturas, sem se colocar como um objeto estrangeiro, estranho. Rapidamente os aparelhos e aplicativos são incorporados e adaptados às culturas nacionais e influenciam suas dinâmicas.

Segundo Mbembe, as filosofias africanas anteciparam a ideia de extensão do humano por meio de objetos e coisas, o que é notável com a tecnologização da vida onde todos se tornam híbridos. Segundo ele, na concepção ocidental moderna, o humano aparece divorciado das coisas, objetos, animais e plantas a partir da relação entre sujeito e objeto. Esta visão “desanima” o universo e cria uma relação de exploração com o objeto exterior, tornando a relação insustentável por ser destrutiva e expansiva. A revisão do conceito de humano passa por outras formas de imaginar a relação entre ele e o mundo. É deste modo que Mbembe destaca que o futuro da humanidade está incontornavelmente em África, especialmente por conta das possibilidades filosóficas, éticas e cognitivas daquilo que ele chama de animismo africano, algo muito distinto do estereótipo criado pelo colonialismo a respeito do continente negro.

Uma das características da obra do pensador africano é que seus conceitos são vagos e não parecem partir de um objeto empírico recortado, o que permite força imaginativa de releituras e enquadramentos. O sentido do conceito parece estar sempre carente, incompleto, mas a força das metáforas permite que o leitor insira novos significados à ferramenta intelectual. Diferente de autores europeus que são pretensamente universais, mas falam de suas paróquias, o lócus de Mbembe, segundo sua própria posição reiterada em cada livro, é a África negra, lugar a partir do qual ele pensa o mundo contemporâneo. As principais críticas se inserem justamente neste aspecto de sua obra. Em crítica a Mbembe, o escritor senegalês Boubacar Boris Diop afirmou que na Cúpula África-França de 2021, organizada pelo intelectual camaronês sob patrocínio do governo francês, composta apenas por membros da sociedade civil africana que se encontraram com o presidente francês Emmanuel Macron em Montpellier, sem riscos de questioná-lo sobre o franco CFA, a operação Barkham ou sobre a participação francesa no genocídio em Ruanda (DIOP, 2021). Diop afirmou que Macron evitou riscos de crítica e buscava um momento favorável junto aos negros franceses da diáspora. Sem ser questionado sobre intervenções militares e pilhagem de recursos naturais de países pobres do continente, o formato foi muito adequado para o presidente francês. Para Diop, Macron é um representante de um Estado neocolonial com uma política de submeter Estados africanos ricos em recursos naturais. A França depende de África para manter sua posição econômica e geopolítica. É na África que a França obtém matérias-primas essenciais como o urânio que alimenta seu sistema energético dependente de usi-

nas nucleares e é lá que o país europeu deposita seu lixo nuclear. A insatisfação pós-colonial africana ameaça a posição econômica e geopolítica da posição francesa no continente. Segundo Diop, Mbembe se distingue por raras críticas, muito genéricas à política africana na França ou aos desequilíbrios entre Sul e Norte. Em suas palavras: “e tudo em uma linguagem por vezes atravessada por magníficos clarões e a maior parte das vezes obscura, que o artista trabalhou e retrabalhou para não ser compreendida por ninguém”<sup>4</sup> (DIOP, 2021).

A redução, pelo regime brutalista, de ser vivo a matéria-bruta, não pode excluir a dialética, a resistência. *Brutalisme* possui um tom mais pessimista que o livro anterior, *Politiques de l'inimitié*, no qual Mbembe dedica uma porção do final do texto a uma ética do passante, um grande elogio à mobilidade humana transfronteiriça, bem como ao posterior, *La communauté terrestre*, que apresenta a “última utopia”. Como Milton Santos (2008) em sua análise da globalização, Mbembe compreende o mundo atual como uma fábula, uma perversidade e uma possibilidade. A fábula, que no camaronês assume a forma do fantasma, é a mistificação do mundo como o melhor possível. A perversidade é a realidade desvendada pela análise racional, expressa, nos textos do historiador camaronês, nas ideias de brutalismo, mas também nas de democracia dos semelhantes e necropolítica. Parte da perversidade da planetarização ou globalização é que na era da velocidade e do movimento de capitais e mercadorias, as fronteiras se inserem em toda parte para impedir a circulação de pessoas por meio dos processos de fronteirização. A possibilidade, todavia, permanece aberta. É a última utopia do terceiro livro da trilogia, onde uma comunidade terrestre dos vivos supera a divisão do mundo em estados soberanos. O médico e escritor revolucionário francês Frantz Fanon, grande referência de Mbembe, escrevendo em um momento histórico e pessoal dramático, vislumbrava na espiral de violência da descolonização a possibilidade de um novo mundo (FANON, 2011 [1961]). Pensando nessa perspectiva milton-fanoniana, é impossível não associar à ideia de incineração do humano como matéria-bruta do livro de Mbembe com o poema “Grito negro” do poeta moçambicano José Craveirinha:

---

<sup>4</sup> Tradução livre de “le tout dans une langue parfois traversée par de magnifique éclairs mas le plus souvent obscure, que l’ar sent travaillée et retravaillée por n’être comprise de personne”

“Eu sou carvão  
E tua arrancas-me  
Brutalmente do chão  
E fazes-me tua mina, patrão.  
Eu sou carvão!  
E tu acendes-me, patrão  
Pare te servir, eternamente  
Como força motriz  
Mas eternamente não, patrão.  
Eu sou carvão;  
Tenho que arder na exploração  
Arder até as cinzas da  
Maldição  
Arder vivo como alcatrão, meu  
Irmão  
Até não ser mais a tua mina, patrão  
Eu sou carvão.  
Tenho que arder  
Queimar tudo com o fogo da minha combustão.  
Sim!  
Eu sou o teu carvão, patrão”.

A notoriedade de Mbembe como historiador que faz uma genealogia dos regimes de violência contemporânea já fazem qualquer produção do mesmo ser importante. Em que pese o largo uso de alguns de seus conceitos no debate público — como é o caso de necropolítica — não necessariamente isso tem levado a uma produção crítica sobre eles, contextualizando os mesmos com o conjunto de sua obra publicada. Ainda é tímida a exploração de algumas teses do historiador camaronês, como a de democracia de semelhantes, por parte de pesquisadores brasileiros a respeito de realidades históricas nas quais conceitos como o de brutalismo podem servir de ferramentas de reflexão para a construção de hipóteses de trabalho. A brutalização dos vivos é uma consequência de uma necropolítica e como tal, partindo de uma razão negra, que racializa alguns grupos de pessoas, estabelece quem é útil e quem é descartável e quando.

Pesquisadores da realidade latino-americana poderiam se beneficiar bastante de um diálogo crítico com conceitos desse historiador de modo a pensarem, partindo de conceitos de investigação surgidos na escrita de um pensamento africano sobre o mundo, como se constituíram, na escravidão e no pós-abolição, técnicas de poder e uma economia política de gestão dessa matéria-bruta a ser incinerada ao que são reduzidos os vivos. Ao contrário de conceitos pretensamente universalistas criados para pensar realidades ocidentais de temporalidades distintas e (mal-)adap-

tados na historiografia brasileira, como tem sido feito por décadas, o diálogo com esse pensamento histórico das técnicas de poder, da fronteirização, da hibridização do humano e da ferramenta e da brutalização dos vivos pode servir bastante bem para conhecer aspectos importantes dos mundos latino-americanos.

## Referências Bibliográficas

- ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém. Um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 [1963].
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época da possibilidade de sua reprodução técnica. In: BENJAMIN, Walter. *Estética e sociologia da arte*. Tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2017 [1936].
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. São Paulo: Veneta, 2020 [1950].
- DAVIS, Mike. *Holocaustos coloniais. Clima, fome e imperialismo na formação do Terceiro Mundo*. Tradução Alda Porto. Rio de Janeiro: Record, 2002 [2001].
- DIOP, Boubacar Boris. Montpellier, la Françafrique à bout de souffle. In: LAMKO, Koulsy; NIANG, Amy; SYLLA, Ndongo Samba; ZEVOUNOU, Lionel (orgs.). *De Brazzaville à Montpellier. Regards critiques sur le néocolonialisme français*. Collectif pour le Renouveau Africain – CORA Éditions, Dakar, 2021. Disponível em: <https://corafrika.org/chapitres/montpellier-la-francafrique-a-bout-de-souffle/>. Acesso em: 04 ago. 2023.
- FANON, Frantz. Les damnés de la terre. In: FANON, Frantz. *Oeuvres*. Paris: La Découverte, 2011 [1961].
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987 [1975].
- GUHA, Ranajit. *Dominación sin hegemonía. Historia y poder en la India colonial*. Tradução Luis Tapia. Madrid: Traficantes de sueños, 2019 [1987].
- HOBBSBAWM, Eric. *Era dos extremos. O breve século XX: 1914-1991*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995 [1994].
- MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- MBEMBE, Achille. *Critique de la raison nègre*. Paris: La Découverte, 2013.
- MBEMBE, Achille. *La communauté terrestre*. Paris: La Découverte, 2023.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3ª ed. São Paulo: n-1 Edições, 2018.
- MBEMBE, Achille. *Politiques de l'inimitié*. Paris: La Découverte, 2016.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 15ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2008 [2001].

Recebida: 29/09/23 - Aprovada: 03/09/2024

**Editores Responsáveis**

Miguel Palmeira e Stella Maris Scatena Franco